

OS JUDEUS NO BRASIL: TRAÇOS ETNOGRÁFICOS DE UMA HERANÇA CULTURAL DE LONGA DURAÇÃO*

Silvaniza Maria Vieira Ferrer**

RESUMO

Este artigo traz como temática a busca dos traços etnográficos da presença dos judeus no Brasil, à luz das reflexões de Câmara Cascudo nas obras *Cultura e Civilização e Mouros, Franceses e Judeus – Três presenças no Brasil*. A partir de uma rápida trajetória histórica da nação judaica como civilização, compreender os traços permanentes que sobrevivem aos costumes e tradições brasileira atuais desde a chegada destes ao Brasil.

Palavras-chave: Etnografia, Brasil, judaísmo

RÉSUMÉ

Cet article porte comme thématique la recherche des traits ethnographiques concernant la présence des Juifs au Brésil, ayant pour base les réflexions de Câmara Cascudo dans ses oeuvres “*Cultura e Civilização*” et “*Mouros, Frances e Judeus – Três presenças no Brasil*”. À partir d’une brève présentation historique de la nation juive comme civilisation, l’article essaie d’analyser les traits permanents qui survivent aux coutumes et aus traditions brésiliennes actuelles depuis l’arrivée des Maures, des Français et des Juifs au Brésil.

Mots-clés: Ethnographie, Brésil, Judaïsme

INTRODUÇÃO

O livro de Câmara Cascudo, intitulado Mouros, Franceses e Judeus – três presenças no Brasil leva-nos a um rápido estranhamento. O que temos em comum com estes povos?

A história desde cedo acostumou-nos que somos descendentes de outras três presenças – a africana, a ameríndia e a européia.

A leitura do livro, no entanto, nos reserva outra surpresa: vimo-nos, constantemente, enquanto o autor vai caracterizando os costumes e tradições que estes povos nos transmitiram, nos reconhecendo, nos vendo através de gestos, palavras, cultura. Parafraseando Cascudo, “nota-se que o passado imemorial não desapareceu de todo, e deparamos as sombras milenárias nos gestos diários e às vezes no mecanismo do raciocínio, para a soma surpreendente de soluções psicológicas.” (CASCUDO,1983. p.27)

É objetivo deste artigo, perceber através dos estudos sobre Cultura e Civilização, também de Câmara Cascudo, como se dá esse processo de trocas culturais entre povos, e neste caso, para este estudo, como chegou até nós, brasileiros, costumes, tradições e usos judaicos.

CULTURA E CIVILIZAÇÃO

A Etnografia seria a ciência apropriada para fazer esta investigação. Segundo Cascudo a etnografia estuda “a origem e estabelecimento, modificações e vitalidade das culturas humanas”. (CASCUDO,1983. p 26)

Seu conteúdo são as marcas humanas, suas pegadas, vestígios deixados ao longo do tempo. Aprofunda esta questão Câmara Cascudo quando diz:

A Etnografia não estuda ou não tem o direito de perguntar os segredos da família humana, raças, diferenciações anatômicas, os tipos antropológicos, grupos sanguíneos, mas examina todos esses resultados, aproveitando-os no plano harmônico do conjunto. Interessa saber como o homem viveu e vive em qualquer ponto da terra e quais os elementos que dispôs para dominar o tempo e sobreviver (CASCUDO,1983. p 23)

Não pretendo partir de uma ancestralidade remota, primitiva. A Etnografia pode partir de qualquer ponto, inclusive da própria contemporaneidade judaica presente no homem brasileiro. Não são sequer milhares de anos. São centenas. São séculos. Porém, para entender a permanência, a fixação de elementos culturais, é preciso conhecer um pouco esta civilização e sua cultura.

É necessário antes desta análise, diferenciar cultura de civilização, diferença que Câmara Cascudo faz questão de esclarecer porque geralmente se confundem. Ele toma de Ralph Linton (apud CASCUDO,1983. p. 40) a seguinte definição:

Como termo geral, cultura significa a herança social e total da Humanidade; como termo específico, uma cultura significa determinada variante da herança social. Assim, cultura, como um todo, compõe-se de grande número de culturas, cada uma das quais é característica de um certo grupo de indivíduos. (CASCUDO,1983. p 40)

Mas a cultura específica pode sofrer variantes que são determinadas por fatores diversos como encontros com outras culturas, fatores climáticos, geográficos ao longo do tempo. Escreve Câmara Cascudo:

É bem possível que uma cultura modifique uma cerimônia, um aspecto da organização administrativa, uma técnica de produção agrícola ou industrial, a maneira de preparar um alimento tradicional...sem que a civilização perca no conjunto de sua apresentação habitual a sensível vitalidade e fisionomia normais. (CASCUDO,1983. p 40)

E assim percebemos o que é civilização. Ela está ligada ao homem cidadão, a um Estado ou *polis* e a um arcabouço administrativo, a um modo de se portar decorrente de uma organização social. Sugere união de esforços, conjunto. Resumindo: “Civilização foi vocábulo que se usou desde que a imagem do conjunto moral e doutrinária dos valores humanos impressionou à inteligência especulativa dos filósofos.” (CASCUDO,1983. p 44)

Há ainda outra diferenciação a ser feita. Cultura se transmite. Civilização não.

A transmissibilidade dos elementos culturais não é sinônimo de transferência de civilização. Pode um povo receber de outra parte vultosa de técnicas, organização social, linguagem, possíveis permanentes ou constantes antropológicas, sem que fique possuindo características reais da civilização comunicada. (CASCUDO,1983. p 46)

O que demarcaria então uma civilização? O que a faz distinta de outras? O que nos faz reconhecermos a nós mesmo inseridos em uma civilização? Responde-nos Cascudo:

Todos os povos são parecidos e dessemelhantes. Mesmo na coexistência milenar. Um bávaro para um prussiano. O homem da Silésia e o de Hanover. A andaluz para o catalão. Quantos milênios de vizinhança, miscigenação, contato se escoaram sem possibilidade de fusão, semelhança, irmanismo mental?...Há muito de comum e muito de peculiar. Esse índice diferencial, marca de individualização no coletivo, indisfarçável, visível

através das idades, denunciando o nacional e fixando a paisagem psicológica do país, é a sua civilização. (CASCUDO,1983. p 46)

Nós veremos mais adiante, que o convívio dos judeus sefarditas com os espanhóis durou quinze séculos. E apesar desta convivência ter gerado diferenças em relação aos outros judeus, quando os reis católicos Fernando e Isabel expulsaram os judeus da Espanha se sabia exatamente quem era ou não judeu.

A complexidade de se estudar a nação judaica deve-se ao fato de ser ela na maior parte de sua história, uma nação dentro de outra nação. Uma nação sem território. De uma unidade baseada somente na religião. Desta saía a unidade política, social e econômica. Eles não estavam todos em um lugar só. É possível encontrá-lo em qualquer parte do mundo com as mesmas características fundamentais. E que características são estas? É o que veremos a seguir.

EM BUSCA DOS RASTROS

Poderíamos dizer que a civilização judaica teve início com Adão e Eva? Não. Mas não poderemos nos furtar que para o povo judeu, apegado às verdades bíblicas, o homem descende de Adão. Poderíamos delimitar que seria Abraão o primeiro hebreu histórico para começar a civilização que hoje conhecemos como nação judaica. Cascudo explicita:

Se nasce uma civilização, culturas exercidas pelos grupos organizados, houve uma força, um núcleo inicial, uma convergência de elementos que determinou a coordenada criadora, lançada no plano do desenvolvimento. (CASCUDO,1983. p 53)

Os fatores que favoreciam o florescimento de uma civilização seriam entre outros, “necessidade social, liberdade cultural e a existência de um gênio criador”. (CASCUDO,1983. p 53). Abraão acreditava ter ouvido a voz de Deus prometendo-lhe uma terra santa, de onde jorrava leite e mel. Este mesmo Deus lhe prometia um povo, que seria multiplicado e espalhado sobre a face da terra. Fome? Necessidade de passar do nomadismo para o sedentarismo? O fato é que a partir dessa promessa, começa a aventura do povo judeu em busca dessa terra que eles passam a chamar de Canaã ou Terra Prometida.

Ben-Zion Dinur¹, da Universidade de Jerusalém, tenta explicar os elementos que definem a singularidade e a continuidade do povo judeu. Seriam cinco aspectos bem definidos. Ei-los.

- a) Característica étnica – proibição de uniões com outros povos. Havia casamentos com outros povos na Antiguidade até os primeiros séculos da Idade Média. A dominação do cristianismo e do islamismo e a conseqüente proibição destas uniões fizeram esse exclusivismo.
- b) Característica religiosa – há somente um único Deus e este não deve sua existência a nenhuma força natural e não é governado por nenhuma lei da natureza;

Esse elemento é muito importante para se entender a história deste povo. Saadia Gaon (apud Ben-Zion Dinur, 1969 p. 6) filósofo judeu do século X já dizia: “Nossa nação é uma nação somente graças a sua religião”. Os judeus tinham sua vida regulada por leis desde o nascimento até a morte.

Sobre esse aspecto, Ben-Zion Dinur esclarece:

Naturalmente, o contato com novas culturas produziu um fermento questionador e suscitou esforços espirituais para chegar a um acordo com eles, para encampar o que pareciam ser elementos afins e para rejeitar o resto. Assim, houve lutas, primeiro com o dualismo persa ² depois com a cultura helenista e romana, com o cristianismo e o islamismo e, finalmente, com as correntes filosóficas do passado recente. (DINUR, 1969 p.7)

Nem sempre o povo judeu chegou a esse acordo. Por mais de uma vez em sua trajetória histórica ele foi obrigado a renunciar sua crença sob pena de morrer se não o fizesse. Destes conflitos resultaram guerras, rebeliões, mortes, genocídios, etc.

- c) característica social – O povo forma uma espécie de “congregação”. Vivem num lugar, mas, possuem uma fé comum, crenças comuns, estilo de vida, desejos, idéias e aspirações.

A autonomia judaica foi resultado da necessidade que os judeus tinham de, na impossibilidade de viverem no mesmo território, preservarem seus costumes e tradições. Eles podiam formar um conselho de anciões e reunirem-se em suas próprias casas, nos portões das

¹ Autor do texto intitulado História Judaica: Sua singularidade e continuidade. 1969

² Na concepção dualista, dos persas ou iranianos particularmente, havia um Deus benevolente e um malévolo sendo que o mal e o bem eram realidades diferentes de origens distintas. Extraído da INTERNET (Wikipédia)

idades, nas sinagogas que eles próprios construía. Com a Diáspora³ surgia a necessidade de a crença acompanhar o povo onde ele estivesse. Nestas situações diz Ben-Zion Dinur:

Mesmo em período posteriores todo lugar que abrigasse pelo menos dez homens judeus, adultos, tornava-se a sede de uma “congregação” com todos os deveres de uma verdadeira cidade: tinha que estabelecer uma sinagoga, prover a educação das crianças, sustentar os idosos e fazer com que os mandamentos religiosos fossem adequadamente observados. ((DINUR, 1969 p.8)

- d) Característica territorial – A terra de Israel para o povo judeu tinha dois sentidos: primeiro, ela era destinada ao povo judeu por Deus. Era dever do povo colonizá-la, desenvolvê-la e lutar pela lei judaica e pela sua liberdade. Segundo, a terra era santificada. Era a própria sede divina e aos judeus incumbia conservá-la para seus estudos e fé.

Além do mais, a permanência ou a expulsão desta terra sempre foi associada pelos profetas e juízes do povo judeu a uma benção ou a um castigo divino. Sobre isto diz Ben-Zion Dinur:

Tornou-se até um ponto de doutrina entre os sábios, pois fora dito que uma condição primordial para a Redenção era o retorno da profecia e que só poderia acontecer quando a elite do povo, ansiada pela Redenção e lutando pela purificação espiritual, subsistisse à Terra de Israel. ((DINUR, 1969 p.10 e11)

- e) Característica lingüística – Embora o hebraico não tenha se tornado uma língua oficial, ela permaneceu entre o povo judeu através dos escritos religiosos, da lei de Deus e das Cortes, da Torá, literatura e ciência. Ela era também o meio de conversação entre judeus de países diferentes, ((DINUR, 1969 p.12). Assim, conviviam dentro do mesmo indivíduo, duas nacionalidades: a do país onde ele vivia e a sua própria nacionalidade judaica. Ele não podia se isolar na sua própria língua e assim, nós temos o judeu alemão, o judeu polonês, o judeu inglês, e assim por diante.

Esses elementos, tomados em seu conjunto nos dão a conformação social deste povo e nos explica algumas particularidades inerentes a esta civilização. E são necessários para se entender etnograficamente este povo. Tomados isoladamente nenhum deles dá conta dessa tarefa, mas se visto em conjunto, é possível fazê-lo.

³ O termo “diáspora” é referente à dispersão do povo hebreu no mundo antigo, a partir do exílio na Babilônia no século VI a.C e, especialmente, depois da destruição de Jerusalém em 135 d.C.

Cascudo conclui que descobrir os elementos decisivos para a coesão de uma civilização é uma tarefa difícil, porque “Não existe uma teoria, doutrina, sistema prestigiado por autoridade magistral que não possua margem de exceções e essas poderiam anteriormente ter constituído a regra geral formadora”.(CASCUDO, 1983 p.53)

É interessante essa afirmação, porque sempre que queremos generalizar uma regra, nos deparamos com uma exceção. Os judeus formavam uma coesão em todos os tempos e em todas as civilizações? Não. A própria história bíblica tem uma sucessão de passagens em que o povo elege outro deus para adorar. Por isso a importância dos líderes suscitados no meio deles para chamá-los de volta. Mas a convivência com outras culturas incorpora hábitos, modos de vida, que faz com que possamos diferenciar o judeu sefardita do judeu alemão, do judeu polonês, e assim em diante. Para o nosso artigo, na busca deste rastro interessa-nos o judeu sefardita.

SEFARDISMO

A ocupação dos judeus na Espanha ocorreu depois da dispersão judaica devido as invasões romanas. Haim Beinart⁴ chega a afirmar que “A história dos judeus na Espanha, até sua expulsão em 1492, é a história de um povo estabelecido em um mesmo lugar por um longo tempo, tão longo quanto pelo menos o início da era cristã.” (BEINART, Haim, 1969 p.231)

A Espanha seria uma nova espécie de Canaã. Os judeus que lá viviam eram chamados de sefarditas palavra que vem de *sepharad* do hebraico e que significa a algo próximo a Terra Prometida, uma nova espécie de Sião. Vainfas afirma que:

Mas que um nome, uma identidade, marcada pelo dialeto ladino, por certas tradições alimentares, algumas especificidades rituais que aqui não convém examinar, as quais diferenciam bastante os judeus ibéricos dos congêneres asquenazes⁵ da Europa centro-oriental. (VAINFAS, 2005 p.17)

Uma diferenciação que se impõe de início é que os chefes religiosos geralmente eram homens dotados de grandes fortunas e de muita proximidade com o Poder. Mesmo

⁴ Autor do texto A Sociedade Hispano-Judaica. 1969

⁵ **Asquenazes** ou **asquenazitas** (do hebraico אַשְׁכְּנַזִּי "ashkenazi"; plural אַשְׁכְּנַזִּים *ashkenazim*) é o nome dado aos [judeus](#) provenientes da [Europa Central](#) e [Europa Oriental](#). O termo provém do termo do [hebraico](#) medieval para a [Alemanha](#), chamada *Ashkenaz* (אַשְׁכְּנַז).Fonte: Wikipédia, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Asquenaze>.

assim, havia os Estatutos que deviam ser obedecidos por todos. Sobre essas leis comenta Haim Beinart:

Os estatutos públicos ocupavam-se não somente de jurisdição interna; fixavam igualmente limites e fronteiras para as relações pessoais, para os deveres do indivíduo para com a sociedade e estabeleciam as obrigações do indivíduo dentro da comunidade. (BEINART, Haim, 1969 p.249 e 250)

A longa história dos judeus na Espanha foi marcada por convivência pacífica alternada por perseguições. Primordialmente sob o domínio bizantino e visigótico, os judeus foram perseguidos e obrigados a aderir ao cristianismo. Porém os dominadores não conseguiram tal intento. Eles não tinham como substituir como Estado o modo de vida judaico pelo do cristão. Em 711, sob os árabes, o domínio visigótico caiu. Os judeus tiveram que reorganizar-se. O surgimento de líderes para tal tarefa, além de organizar o povo judeu, serviu para a própria Espanha muçulmana o que deu aos líderes judaicos na Espanha essa característica de estarem ligados ao poder e as riquezas. O quadro religioso continuava sendo o ponto forte de coesão deste povo. Diz Haim Beinart sobre isso sobre eles:

Viveram a seu próprio modo, seja em matéria de organização e estrutura social, seja nas formas exteriores de vida que haviam adotado nas terras espanholas. Esta regra geral contribui muito para explicar as características cívicas e sociais do judaísmo hispânico, não obstante o fato de que sua organização comunal na Espanha Cristã tenha sido influenciada pelas formas de organização do povo cristão. (BEINART, Haim, 1969 p.232)

Tem-se assim a estrutura social baseada num eixo religioso que servirá para a proteção deste povo em meio as inúmeras invasões que sofreram. Falando dos elementos de coesão Cascudo vai dizer que:

Essas organizações, grupos, estados, formas instintivas, onde a coesão afronta o atrito dos tempos, é a tendência legítima para tomar os modos permanentes, susceptíveis de autodefesa e de potencialidade. Assim, sob a fórmula de uma solução morfológica, o homem veio até os contemporâneos. Escolheu a forma capaz de salvá-lo da morte, quando outras espécies, quantitativamente mais fortes, foram desaparecendo pela estrada do tempo.” (CASCUDO, 1983 p.57)

Não digo somente espécies, mas reinos, povos, civilizações. Não podemos esquecer que o povo judeu foi submetido a diversos outros povos ao longo de sua história.

A convivência pacífica foi mais uma vez abalada com a decisão dos reis católicos Fernando e Isabel de cristianizarem a Espanha. Mouros e judeus foram expulsos ou obrigados

a se converterem ao cristianismo. Um ódio mortal se acendeu em homens que viveram vizinhos por séculos. Aquilo que era a característica primordial do judeu – a religião – passou a ser também a causa de sua desgraça. Perda de propriedade, de bens, separação de famílias ou a conversão. Quando escolhiam pela última opção, recebiam educação para a recepção de novos hábitos, de novas formas religiosas. Jesus era judeu, mas, não era o Filho de Deus, não era o Messias prometido pelas Sagradas Escrituras. A aceitação desse dogma poderia ser terrível para um judeu ortodoxo. Adorar outro deus que não Yaveh significava para o judeu idolatria, pecado sem perdão, causa de expulsão do paraíso. Porém muitos, para não perder seus bens, tornaram-se conversos ou cristãos-novos. Muitos deles, somente na aparência. Carregavam um crucifixo no peito para ilustrar a conversão. Mas não acreditavam nas práticas religiosas. Continuavam as escondidas a praticar o velho judaísmo.

Dessa dupla identidade, quando começam as Inquisições na Espanha, vem a vigilância das práticas religiosas e aquilo que o povo conhecia a séculos como modo de viver de um povo, começou a aflorar. Havia sinais externos de religiosidade que denotavam o falso converso. Muitos judeus foram para a fogueira denunciados por parentes, amigos, vizinhos. Muitas vezes, para escapar de ser confundido com um judeu, um converso entregava seu irmão, acreditando estar assim convencendo os tribunais inquisitórios de sua verdadeira conversão.

Portugal também convivia com o povo judeu durante séculos em completa harmonia. Esse país se mantinha afastado do problema judaico e não aconteciam perseguições em suas terras nem conversões massivas e muito menos Inquisição. A fuga dos sefarditas para Portugal data de 1478. Em 1496 e 1497, sob o reino de D. Pedro III é que seria estabelecida a Inquisição portuguesa nos mesmos moldes da Espanha.

A busca de refúgio para esta perseguição trouxe para o Brasil leva de judeus que se fixaram principalmente na Bahia e em Pernambuco. E aqui partimos para o judaísmo no Brasil.

OS JUDEUS NO BRASIL

Vainfas situa que a primeira leva de judeus que chegaram ao Brasil coincide com o início das perseguições e massacres em Portugal. Isso seria por volta de 1540 quando D. João III ascende ao trono português e é pressionado pela Igreja a postular a Inquisição ao Papa para ser instaurada no país. Acrescenta Vainfas:

Não resta dúvida de que isso estimulou a migração de cristãos-novos para o Brasil, onde não havia Inquisição, exceto pelo inócuo poder inquisitorial confiado ao bispo da Bahia. Poder inquisitorial raras vezes exercido e que, na verdade, não atingiu os cristãos-novos. (VAINFAS, 2005 p.47)

A convivência com os cristãos-velhos deu-se sem maiores problemas. Foi possível a união conjugal e a escassez de mulheres brancas fez com que as mulheres judias fossem consideradas perfeitas para esse tipo de união. Há registros de vários senhores de engenho que se casou com mulheres judias, ganhando assim seus dotes e aumentando a própria fortuna. Isso denota claramente a ausência de anti-semitismo no Brasil de outrora a despeito dos problemas e proibições vividos no Reino.

O judeu que veio para o Brasil não era obrigado a usar a “rodela escarlate ou amarela no peito ou no dorso”⁶ que o denunciava à distância. A distância dos tribunais inquisitoriais e das comunidades judaicas tornava as condutas menos ortodoxas e mais livres.

Essa convivência pacífica foi interrompida pela Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil que aconteceu entre 1591 e 1595. Os mais atingidos foram aqueles cristãos-novos que o eram apenas de fachada. Assim, qualquer pessoa do povo poderia denunciar e se não o fizesse poderia comprovar conluios o que demandaria também a condenação. Assim, as práticas culturais exteriores mais procuradas e que denunciavam ou o judeu ou o converso de fachada eram:

- guardar o sábado à moda judaica sem trabalhar e usando traje de festa;
- limpar a casa às sexta-feira;
- banhar e amortilhar os defuntos;
- celebrar as datas judaicas
- circuncidar os filhos.

É interessante notar algumas inversões na cultura brasileira que persistem na nossa cultura e nos rincões do país. O domingo e não o *shabat* é o dia do descanso. Algumas casas no interior do Ceará, não limpam a casa no dia de sexta-feira. Costumes que poderiam ser resquícios do medo de se parecer com um judeu?

É interessante perceber também aqui no Brasil, a confusão de identidades que se formou entre judeus, judeus conversos autênticos e judeus conversos de fachada.

Quando se fala em “Gente da Nação”, isso significa que estamos nos referindo às pessoas de origem judaica que viveu em Pernambuco nos dois primeiros séculos da história do Brasil. Sobre o termo explica Bruno Feitler:

⁶ Vestimenta obrigatória que os judeus eram obrigados a usarem para serem identificados como tais.

Com efeito, o termo “gente da Nação” – que se refere às pessoas da “nação portuguesa” quando se fala do mundo extralusitano e às pessoas da “nação judaica” quando se tem em mente o mundo português – é por essa razão ao mesmo tempo preciso e vago, refletindo perfeitamente a situação ambígua, quase contraditória, das pessoas que faziam parte dessa “nação”: “judeus” (na realidade, católicos de origem judaica, isto é, cristãos-novos), quando era um português coevo que falava; também judeus fora de Portugal, mas judeus confessos que se caracterizavam tanto por sua cultura ibérica quanto pela prática do judaísmo. (FEITLER, 2005 p.67)

A chegada de uma comunidade judaica que veio acompanhando os holandeses quando estes desembarcaram nas costas de Pernambuco, modificou as estruturas sociais de uma região onde até então dominava em absoluto o catolicismo. O encontro de uma comunidade estruturada, seguindo os preceitos religiosos de forma ortodoxa, fez reviver nos cristãos-novos que aqui estavam um antigo fervor religioso de origem.

Comenta sobre isso Feitler:

Essa presença de judeus confessos provocou tensões e gerou sentimentos diversos nos cristãos-novos que conviveram ou entraram em contato com eles. Vários cristãos-novos judaizantes aproveitaram a relativa liberdade religiosa vigente no Pernambuco holandês para se tornar abertamente judeus e isso desde a chegada dos primeiros judeus praticantes. Certos judaizantes, porém, preferiram permanecer fora da comunidade judaica oficial, enquanto outros cristãos-novos, nem judaizantes nem católicos fervorosos, guardaram suas distâncias. (FEITLER, 2005 p. 68)

Toda essa complexidade, se pudesse ser visto através de uma lupa, decerto que se perceberiam a importância de se ter uma identidade como nação. Diz Cascudo que “a ambição do homem tem sido compreender a criação do coletivo de que ele é componente”. (CASCUDO, 1983.p56) Um indivíduo constrói sua identidade, possui sua cultura como seu referencial e de repente, é destituído à força de seu *modus vivendi*. Construir uma nova identidade não é tarefa simples e quando isso acontece, esse homem se transforma num homem dividido. Anita Novinsky (apud HERMANN, 2005 p.102) vai chamar o cristão-novo de “homem dividido”. Nem judeu para os judeus, nem cristão para os cristãos. Mas desses costumes e tradições inventadas ficam alguma coisa? Se incorporam a partir dessas práticas algo que possa dizer que o judaísmo no Brasil tenha uma feição diferente do judaísmo de outros lugares?

O povo judeu hoje se mostra coeso com sua identidade descendente de Abraão. Reunidos ou dispersos, eles são reconhecidos como judeus. Mas, o que resta desse período histórico na mentalidade do povo brasileiro?

Câmara Cascudo inicia seu texto sobre o judaísmo dizendo que “ o Brasil vê o judeu pelos olhos quinhentistas” (CASCUDO, 2001 p. 90). É a imagem do judeu taciturno, inflexível, e não se assemelha ao cidadão do Estado de Israel ou ao homem oriental. O que restou desse encontro cultural é por vezes repetido sem o conhecimento da origem de tal traço.

Muito dos elementos judaicos estão associados a aspectos negativos da sociedade brasileira. Judeu passou a ser sinônimo de algo ruim, que devia ser evitado. Palavras novas foram criadas a partir dessa raiz – judeu – dando esse sentido pejorativo. Assim, afirma Cascudo: “Judeu era o onzenário ⁷, agiota, impiedoso, insensível, sádico, perverso, cruel. Judiaria, malvadeza, sadismo, perversidade. Judiaria, maltratar, fazer sofrer, mutilar, seviciar, torturar.” (CASCUDO, 2001 p.102)

Muito destas marcas ficaram no modo de vida brasileiro sem que ele tenha consciência de onde veio o costume. Assim, hábitos judaicos concernentes à alimentação como, por exemplo, não comer bicho encontrado morto sem se saber a causa da morte, o uso de notas promissórias, das letras de câmbio, o uso comercial da moeda a quem Câmara Cascudo atribui um “teimoso e lento trabalho judaico”. (CASCUDO, 2001 p. 105)

A civilização não se transmite. Cultura se transmite, repete Cascudo. Fragmentos se despreendem ao longo do tempo e se acomodam em outras esferas. Mas persiste sempre um núcleo, onde orbitam aquilo que é próprio de um povo e que não se desfaz sob pena de se perder a civilização inteira. Talvez seja isso que ele quer dizer quando escreve:

Creio a civilização como uma força de gravidade unificando sem fundir as unidades socioculturais. Civilização é força como um princípio de gravidade e semelhará ao que preside o sistema solar, mantendo a unidade orientada e em movimento no espaço sideral sem influência mutiladora nas elipses descritas pelos corpos submetidos à sua atração. (CASCUDO, 1983 p.49)

A busca dos rastros dessa história de longa duração, trouxe até nós uma historiadora judia de origem sefardita – Schulamith Halevy⁸ – que veio à Fortaleza em 1998 porque acreditava encontrar remanescentes dos cristãos-novos e sefarditas embrenhados no interior

⁷ Referente a juros. Onzena é juros de onze por cento. Onzenário significa alguém que cobra um juro exorbitante.

⁸ Reportagem do Jornal O Povo de 17 de agosto de 1998

nordestino. Esse traços fariam parte de um passado de deslembados de sua origem. A reportagem que a entrevistou assim exprimiu sua busca:

São estes costumes, rituais, modos de vida presentes com as mesmas características em comunidades tão distanciadas – o elo buscado por Schulamith Halevy para contar a história dos sefarditas. Embora deslembados de sua origem, os descendentes carregam no sobrenome, nas feições, no comportamento a herança dos antepassados. Os patronímicos Carvalho, Oliveira, Castro, Pereira; certos hábitos higiênicos, como lavar as mãos antes das refeições e os pés ao se deitar, ou andar sempre calçado. Certos alimentos proibitivos (que o povo chama “reimosos”) também remetem à lei judaica que vetam o consumo de animais de casco fendido (como o porco e o tatu). Até o costume de se enterrar os mortos, diretamente na terra, é parte da tradição judaica como os casamentos intrafamiliares. (O Povo, 1998)

Hábitos que a autora desse artigo revê nas práticas cotidianas de sua própria família e até no sobrenome materno – Oliveira – que pode ou não, fazer parte de um passado longínquo, deslembado do judaísmo.

CONCLUSÃO

A busca de vestígios para se chegar a explicação de um único gesto é tarefa complexa. A descoberta de si mesmo como parte de uma comunidade maior, de uma cultura geral que é a humana e de uma específica que é o elemento forjador de identidades, pode levar-nos a passados remotíssimos. Como bem diz Cascudo, “Um ato comum e banal pode ter cinqüenta séculos.. (CASCUDO, 2001 p. 27)

O que esta pesquisadora norte-americana está buscando é a sua própria memória no tempo histórico de seu povo. Os resquícios que podem explicar o contemporâneo, o vivido presentemente.

As forças brutais que intervieram nesse percurso precisam ser detectadas para se perceber o que cada impacto definiu, extinguiu ou entronizou numa civilização. O povo judeu, para continuar sua aventura como nação, criou seus próprios mecanismos de sobrevivência, que os defende no momento da necessidade. A coesão religiosa, a uniformidade de crença, a fé nas mesmas promessas, o sustentáculo para com as viúvas, órfãos e desamparados de uma maneira geral, fomentaram uma segurança nacional, que faz com seus membros se sintam solidamente protegidos dentro de outros universos culturais.

Como bem diz Câmara Cascudo,

A simpatia natural pela etnografia é que ela evoca documentadamente a história da nossa grande família humana, evidenciando continuidades e seqüências que orgulham ou decepcionam a vaidade dos netos presentes. Tem-se uma impressão emocional e confusa de ver um velho álbum doméstico, recordando façanhas e vitórias de homens cujo sangue talvez esteja nas nossas veias contemporâneas. (CASCUDO, 1983. p.26)

BIBLIOGRAFIA

CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e Cultura*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

_____. *Mouros, franceses e judeus: três presenças no Brasil*. 3ª Edição. São Paulo: Global, 2001.

DINUR, Ben-Zion. *História Judaica: Sua singularidade e continuidade*. In: *Vida e Valores do Povo Judeu*. São Paulo: UNESCO, 1969

BEINART, Haim. *A Sociedade Hispano-Judaica*. In: *Vida e Valores do Povo Judeu*. São Paulo: UNESCO, 1969

FEITLER, Bruno. “Gentes” da Nação: judeus e cristãos-novos no Brasil holandês. In: *Os Judeus no Brasil*, org. GRINBERG, Keila, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005

VAINFAS, Ronaldo e HERMANN Jacqueline. *Judeus e conversos na Ibéria no século XV: sefardismo, heresia, messianismo*. In: *Os Judeus no Brasil*, org. GRINBERG, Keila, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005

_____ e ASSIS, Angelo A. F. . *A esnoga da Bahia: cristãos-novos e criptojudaísmo no Brasil quinhentista*.